

Este mês de dezembro que se inicia hoje marca os 40 anos do funesto Ato Institucional nº 5 (AI-5) – documento que concretizou na história a sombra autoritária que perpassa a alma de nossas ambíguas instituições brasileiras. Durante o tempo que se seguiu à medida tomada pela ditadura militar prevaleceu no Brasil o estado de exceção institucionalizado. Ao signo maior de quão tristes podem ser essas paisagens tropicais chamou-se então de cesura – palavra por debaixo da qual se amontoa o moralismo hipócrita de uma classe média clientelista e o furor pervertido dos que se exaltam ao defenderem o fim da liberdade enquanto dissimulam sua impotência de homens tristes que são.


Uma paráfrase brechtiana: “o monstro está morto, mas a besta que o pariu ainda não”. A sombra que completa 40 anos está em todo púlpito de onde se vertem perdigotos inflamados contra as possibilidades de emancipação de qualquer um, independente da classe ou de qualquer outra forma de distinção social.

A livre expressão é o limite que uma sociedade constrói para si como proteção dos pesadelos históricos. Nenhum regime, ideologia ou doutrina que realmente preza pela luz que pode emanar do coração e das ações humanas pode começar pela supressão daquilo que seria seu alicerce. Liberdade.

Algo que só pode ser experimentado de forma equitativa – precisamente igual para todos. Qualquer outra hipótese já se traduz imediatamente numa ordem

injusta. Ou todos são livres ou então ninguém o é de fato. A importância em se lembrar de um momento histórico assim reside naquilo que Theodore


Adorno, Horkheimer e também Hannah Arendt já apontavam em relação à perseguição aos judeus na Alemanha nazista: pesadelos dessa ordem devem ser lembrados sempre para que não voltem a acontecer. Pela memória das vítimas.

A edição de hoje foi construída a partir do tema da censura expandido para suas manifestações que muitas vezes não se deixam perceber sob o manto do cotidiano. A censura do mercado e do consumo, com suas restrições que moldam subjetividades a golpes de frustração. A censura da impotência coletiva que não suporta a espontaneidade do singular. A censura do desânimo e da falta de interesse que apaga dos olhos a faísca do desejo. Enfim, esse outro nome para a morte que cala tudo aquilo no que se mostra a vida em sua ruidosa festa. Outra Pauta: a busca incessante por outras vozes que construam harmonia a partir da dissonância. 




PREVISÃO DO TEMPO

12 DE DEZEMBRO DE 1968

 Mirielly Ferraça (Jornalismo - UNIPAR)


Como se já não bastasse o insuportável calor que tem feito, prevemos que terríveis temporais estão por vir. Isso deve-se a grande e poderosa frente fria quem vem de encontro ao clima quentíssimo que domina o País ultimamente.

Além disso, cogita-se que um terremoto pode abalar a estrutura de lugares localizados na parte alta do País, como emissoras de rádio, redações jornalísticas e telejornais. A partir de amanhã, 13 de dezembro, eles passarão a sofrer uma intensa pressão, seguida de incontroláveis abalos sísmicos. 

Oficina de Reportagem

Outra Pauta

Segunda-feira, 01/12/2008 - Paraná
Ed. 33 / Ano 1 / Turma 2

 Blog
outrapauta.wordpress.com

GAZETA DO PARANÁ
OUTRA PAUTA DO PARANÁ

“Nossa! Como você está magra”.
Ou, “nossa! Você deu uma engordadinha”.
Esses são as frases que ouço por aí. Não que esses exemplos de estereótipos que muitos impõem a si mesmos de comunicação, principalmente em revistas e na TV, e que nós aceitamos como o certo.

Já foi tão comentada a época de censura no Brasil, censura de imprensa, censura de existir a censura no nosso dia-a-dia? E os estereótipos de beleza, aonde se encaixam? Tais julgamentos muitas vezes culminam em barrar a pessoa de fazer algo que gostaria por não ter “tudo em cima”.
Lembro-me que tempos atrás ouvi dizer que nos Estados Unidos os homens gostam de mulher com peitos grandes. Já no Brasil, a mulher tem de ter pernao, bundão, curvas perfeitas, para ter tudo em cima e conseguir se destacar acima das “feias”. Sim, cito as mulheres por serem as que mais se preocupam em estar na moda. Moda do corpo, moda de roupas. Porque eu também sou mulher, e sei como é.

Entrevistei Paula Koch Kuerten, 20 anos. Administradora, Ana nas empresas, mas também, os pós e contras de uma sociedade ainda “preconceituosa”, e que possam ver. Questionei-a, sobre os estereótipos de beleza que as pessoas impõem sobre as outras.
- Acho que a sociedade discrimina as pessoas que têm uma beleza diferente da beleza imposta.
Entrevistei também, Rubens Gomes Carelli, 20 anos, futuro enfermeiro. Ele disse que a sociedade moderna impõe sim, estereótipos de beleza.
- A questão de modelos magras. A busca do corpo perfeito. Isso é um jeito de impor o estilo de beleza, quem estiver fora desse estilo está fora de moda. O mundo está totalmente acelerado. Tudo está em evolução. E o mundo da moda caminha a passos lentos chegando a essa aceleração comum. Acredito que o que a

Ana Paula disse na entrevista concedida a mim, é bem verdade. “Toda a pessoa tem uma beleza interior e exterior única, nenhuma pessoa é igual à outra”.
Para descontraí fiz outras perguntas a Ana Paula e ao Rubens:
- Ana, você se acha bonita?
- Depende o dia. (risos)
- E para você o homem com aparência ideal tem que ter quais atributos?
- Tem que ser loiro, alto, corpo atlético, olhos verdes. Ou seja, o meu. (Risos)
Para o Rubens perguntei:
- Qual é o tipo de mulher que você acha bonita, os atributos? A mulher ideal?
- O tipo da mulher que acho bonita é aquela que chama atenção, não só pela beleza mais por atitudes e estilo. A mulher passa confiança. Que posso confiar mesmo, nem tanto a beleza em si.
Porém, tanto as mulheres quanto os homens gostam de estar bem consigo mesmo. Rubens pondera que nunca é demais se cuidar, tanto homem quanto mulher, mas que cada um tem que se sentir bem com o próprio corpo.

CENSURA ESTEREOTIPADA
ALÉM DE UMA SIMPLES CASCA

Chego à conclusão que a censura realmente não acabou, agora ela abrange outro contexto da sociedade. Basta cada um tanto homem quanto mulher, optar por seguir esses estereótipos de beleza ou não. Você decide. Porque, com certeza, cada um de nós, tem algo que vai além de uma simples casca. 

 Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

Patch Work

"As letras e a ciência só tomarão o seu verdadeiro lugar na obra do desenvolvimento humano no dia em que, livres de toda a servidão mercenária, forem exclusivamente cultivadas pelos que as amam e para os que as amam".

PIOTR KROPOTKIN

"- Como é que um homem afirma seu poder sobre outro, Winston?

Winston refletiu:

- Fazendo-o sofrer.

- Exatamente. Fazendo-o sofrer. A obediência não basta. A menos que sofra, como podes ter certeza de que obedece tua vontade e não a dele? O poder reside em infligir dor e humilhação. O poder está em se despedaçar cérebros humanos e tornar a juntá-los da forma que se entender. Começas a distinguir que tipo de mundo estamos criando? É exatamente o contrário das estúpidas utopias hedonísticas que os antigos reformadores imaginavam. Um mundo de medo, traição e tormento, um mundo de pisar ou ser pisado, um mundo que se tornará cada vez mais impiedoso, à medida que se refina. O progresso em nosso mundo será o progresso no sentido da maior dor".

DIÁLOGO REPRODUZIDO DE UM TRECHO DE "1984", DE GEORGE ORWELL.

"Sou um amante fanático da liberdade, considerando-a como o único espaço onde podem crescer e desenvolver-se a inteligência, a dignidade e a felicidade dos homens; não esta liberdade formal, outorgada e regulamentada pelo Estado, mentira eterna que, em realidade, representa apenas o privilégio de alguns, apoiada na escravidão de todos; não esta liberdade individualista, egoísta, mesquinha e fictícia, enaltecida pela escola de J. J. Rousseau e por todas as outras escolas do liberalismo burguês, que considera o assim chamado direito de todo mundo, representado pelo Estado, como o limite do direito de cada um, o que conduz, sempre e necessariamente, o direito de cada um a zero. Não, só aceito uma única liberdade que possa ser realmente digna deste nome, a liberdade que consiste no pleno desenvolvimento de todas as potencialidades materiais, intelectuais e morais que se encontrem em estado latente em cada um; a liberdade que não reconheça outras restrições que aquelas que nos são traçadas pelas leis de nossa própria natureza; de maneira que não há, propriamente, restrições, pois estas leis não nos são impostas por nenhum legislador de fora, situando-se ao lado ou acima de nós; elas nos são imanentes, inerentes e constituem a base de nosso ser, tanto material quanto intelectual e moral. Em vez de achar nelas um limite, devemos considerá-las como as condições reais e como a razão efetiva da nossa liberdade".

MIKHAIL BAKUNIN

"Eu não faço nada por obrigação: o que os outros fazem por obrigação eu faço por impulso de vida".

WALT WITHMAN

"Pensou, com uma espécie de assombro, na inutilidade biológica da dor e do medo, na traição do corpo humano que sempre se congela na inércia, no momento exato em que dele se exige esforço especial. Poderia ter silenciado a moça morena se conseguisse agir com rapidez, mas precisamente por causa do perigo extremo que corria perder a capacidade de agir. Ocorreu-lhe que, em momentos de crise, nunca se luta com um inimigo externo, mas com o próprio organismo".

TRECHO DE "1984", DE GEORGE ORWELL.

DA ÉPICA JORNALÍSTICA A VOLTA DA RECEITA DE BOLO

□ Mariana Lioto/ Oficina Turma 1 (Jornalismo - UNIPAR)

O que Jornalismo tem em comum com trigo, farinha, ovos, óleo e fermento? Hoje em dia, felizmente nada. Há quarenta anos não era incomum ver receitas de bolo que, apesar de deliciosos, ocupavam espaço da preciosa informação jornalística em diversos veículos de comunicação. Alternando com a culinária, até trechos de "Os lusíadas" foram publicados. Toda vez que uma informação, direta ou indiretamente, ia contra os interesses do governo ditatorial era substituído pelas

... armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;
Camões que me perdoe, mas o

Dando o bolo na censura

1 quilo de informação
4 xícaras de ética aquecida
2 colheres de pó de estilo
2 colheres de extrato de responsabilidade
Liberdade a gosto

MODO DE PREPARO:

Pegue a informação, a quantidade pode ser modificada de acordo com o interesse do freguês, o que importa é que a informação seja de qualidade e relevância. Em seguida adicione as xícaras de ética aquecida. É importante que a ética não esteja morna nem fria, e que se misture uniformemente com a informação, cada porção de informação precisa estar homogeneamente misturada com ética. Alguns afirmam ser possível substituir a ética pela impar-

cialidade, mas este é um ingrediente que não se encontra facilmente em sua essência. Quando tiver certeza que a informação já está bem misturada com a ética é hora de adicionar o pó de estilo. O estilo é indispensável nessa receita, é ele que dá um gosto especial ao bolo, e o cuidado ao adicionar esse ingrediente é que fará com que cada receita fique única, com um toque de arte. Ausência de estilo faz que com o bolo não cresça, fique pesado e sem gosto, ninguém agüenta bolo sem estilo por muito tempo.

Em seguida, polvilhe a mistura com o extrato de responsabilidade, também indispensável a essa receita. Para terminar, e superar o silêncio de outrora, use da sua liberdade a gosto, só é preciso ter cuidado para que ela não se sobreponha a nenhum dos outros ingredientes.

Pronto. Depois de um tempinho no forno o bolo que dá o bolo na censura está pronto para ser servido, repartido e ser sustância da força. É normal que o bolo não agrade a todos. A repressão só não pode tirar o gosto da informação nossa de cada dia. □

ACESSO NEGADO

A PEDRA QUE CANTA

□ Mirielly Ferraça (Jornalismo - UNIPAR)

"Canta o teu encanto, que é pra me encantar"

- Estamos em uma área protegida pela segurança nacional, fiquem dentro das linhas amarelas, por favor! - Anuncia o guia turístico.

A censura foi bastante difundida em todo o período que compreende a ditadura militar no Brasil. (e por sinal, os censores desempenharam muito bem os seus papéis, deixando escapar apenas uma outra atividade iconoclasta). Tão difundida que muitos ainda temem e sentem aversão à palavra. Apesar de estar em um passeio turístico, o tema desta edição não saiu da minha cabeça. E foi em meio a tantas ressalvas feitas pelo guia, que percebi estar sendo advertida: Não ande aí; Venham para cá pessoal; Por gentileza, subam; Não ultrapassem a linha de segurança... É, de certa forma, um modo de censurar, impedindo movimentos. Isso me faz lembrar o inciso IV do AI-5, a) liberdade vigiada e b) proibição de frequentar determinados lugares. Mas, é claro, isso não se trata de um regime totalitarista, afinal, a binacional tem seus motivos.

Antes de iniciarmos a excursão, nossas bolsas são trancadas em armários, e quem está de calçado aberto, recebe uma bota. Depois, em fila indiana, nos preparamos para passar

pelo detector de metais. Também em nome da segurança, recebemos lindos capacetes laranjas. É indispensável o seu uso dentro da usina, reforça o guia. Um ritual de segurança.

Enquanto o micro-ônibus acelera em direção a barragem, o guia inicia seu discurso mais do que decorado.

- Em 1960 iniciam estudos para verificar se o Rio Paraná poderia comportar uma usina.

- Em 1973 começam as buscas por um local apropriado para a construção da hidrelétrica. O local escolhido é o trecho chamado de Itaipu, que, em Tupi, significa *A pedra que canta*.

- Pessoal, nós vamos parar o ônibus aqui, vocês podem tirar fotos de dentro do veículo, já que não temos autorização para descer neste local.

- 1974 iniciam-se as obras. E logo o local começa a se transformar num "formigueiro humano". Entre 1978 a 1981, 5 mil pessoas eram contratadas por mês.

- A maior dificuldade foi alterar o curso do Rio Paraná, sendo construído um desvio de dois quilômetros.

- Em 78, 58 toneladas de dinamite explodem as duas ensecadeiras (barragens feitas para desviar o curso do rio).

- Atenção: Estamos em cima da barragem, vocês podem descer, mas não podem, de maneira alguma, ultrapassar as linhas amarelas. Não estamos autorizados a transpor essas demarcações, então, por gentileza, se posicionem apenas dentro do espaço demarcado.

- Pronto, vamos entrando pessoal.

- Agora

vamos entrar dentro da usina, por favor, o uso do capacete agora é obrigatório.

- Aqui, como vocês podem ver, a barragem tem um modelo um tanto diferente: sua estrutura lembra uma catedral. Esse foi um recurso utilizado para economizar concreto, é a chamada gravidade aliviada.

- Uma curiosidade: por dia eram lançados na obra 7.207 metros cúbicos de concreto, o equivalente a um prédio de 10 andares por hora. E para retardar o processo de secagem do concreto, foi necessário misturar a massa com gelo, para que as camadas pudessem colar uma na outra sem possíveis espaços.

- E finalmente, em 1982, a construção chega ao fim.

- Nós vamos conhecer o painel de comando, queiram se dirigir ao elevador, por favor.

Tinha algo estranho naquele elevador: duas portas. Quando chegamos no andar indicado, uma espécie de senha foi digitada pelo guia, e a porta de trás abriu, para espanto de muitos. Estamos entrando em uma área restrita. Pareceu um filme de espionagem policial.

- A Usina Binacional Itaipu sustenta 26% de toda a demanda elétrica do país.

- Já em 2004 a usina estava gerando energia capaz de abastecer o mundo por 36 dias.

- Encerramos por aqui nosso passeio. Alguém tem alguma pergunta?

- Eu tenho. Se de repente, a barragem explodir, até onde vai a água em termos de distância?

- Bom, ela chegaria até Buenos Aires.

Agora entendemos o porque de todo esse cuidado. A estranha beleza desse imenso local onde homem e natureza interagem, pode ser alvo da própria insensatez humana. A mão que constrói pode destruir. Diante disso, o nome mais adequado não seria cuidado, mas prevenção. □

